

## **O rio, a vida e os encantamentos da ilha: vivências e descobertas como professora em Universidade Pública no interior do Amazonas**

**Fernanda Priscila Alves da Silva<sup>1</sup>** 

### **RESUMO**

O relato aqui descrito emerge do encontro entre o rio, a vida e a docência construída em territorialidades Amazônicas, na cidade de Parintins, no estado do Amazonas. Este texto contextualiza o processo de chegada à Ilha de Tupinambarana de uma professora da Universidade Federal do Amazonas, os encantamentos e desafios encontrados, a compreensão cotidiana do que significa estar/habitar o interior do Amazonas. A partir dos encontros e vivências junto aos estudantes indígenas, quilombolas, negros, ribeirinhos, caboclos e seus saberes ancestrais desvela-se modos outros de tecer/ fazer educação. O texto busca refletir a partir da escrita e narrativa de si, quais sejam os sentidos e significados da vida e docência em um território do interior, cercado de águas doces, que carrega a magia e o encanto da floresta, dos botos, das ancestralidades. Considerando a narrativa e escrita de si como ferramenta metodológica e epistemológica, tomo a experiência como ponto de partida para a reflexão aqui anunciada. Viver no interior, cercada pelas águas doces. Exercer a docência em um território amazônico e assim compreender os significados, sentidos e relevância das Universidades públicas nestes territórios. E por fim, anunciar as aprendizagens e saberes emergentes deste chão, suas dinâmicas e nuances. Ao considerar a pesquisa narrativa como base teórica, neste artigo, a experiência de quem narra, entendendo que por meio da narrativa é possível assimilar o mundo em sua dinâmica e circularidade.

**Palavras-chave:** Parintins, Educação superior pública, Território, Rio, Interior

## **The river, life, and the enchantments of the island: experiences and discoveries as a professor at a public university in the interior of the Amazon**

### **ABSTRACT**

O The account described here emerges from the encounter between the river, life, and teaching, built within Amazonian territorialities in the city of Parintins, in the state of Amazonas. This text presents the process of arrival at Tupinambarana Island by a professor from the Federal University of Amazonas, the enchantments and challenges encountered, and the daily understanding of what it means to be/inhabit the interior of Amazonas. From the encounters and experiences shared with Indigenous, quilombola, Black, riverine, and caboclo students and their ancestral knowledge, other ways of weaving/doing education are unveiled. The text seeks, therefore, to reflect—through writing and self-narrative—on the meanings and significance of life and teaching in an inland territory surrounded by freshwater, carrying the magic and enchantment of the forest, the river dolphins, and ancestralities. Considering narrative and self-writing as methodological and epistemological tools, I take experience as the starting point for the reflection presented here. Living in the interior, surrounded by freshwater. Teaching in an Amazonian territory and thus understanding the meanings, senses, and relevance of public universities in these regions. And finally, announcing the learnings and knowledges that emerge from this land, its dynamics and nuances. By considering narrative research as a theoretical basis, in this article, we understand

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação e Contemporaneidade pelo PPGEduC/UNEB. Mestrado em Educação e Contemporaneidade pelo PPGEduC/UNEB. Mestrado em Teologia pelo PPGEST. Bacharel em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Teologia de Juiz de Fora. Membro e pesquisadora do Grupo de pesquisa: Educação, desigualdades e diversidades (PPGEduC/UNEB). Membro e Pesquisadora do Grupo de Estudos Família, (Auto)Biografia e Poética (FABEP), da Universidade Católica de Salvador (UCSAL). Membro e Pesquisadora do Encruzilhadas Amazônicas - Grupo Contracolonial de Pesquisa em Artes, Educação e Psicologia (EAGCPAEP). E-mail: [feracatejo2@gmail.com](mailto:feracatejo2@gmail.com).



the experience of the narrator, recognizing that through narrative it is possible to assimilate the world in its dynamism and circularity.

**Keywords:** Parintins, Public higher education, Territory, River, Hinterland

## **El río, la vida y los encantos de la isla: experiencias y descubrimientos como profesor en una universidad pública del interior del Amazonas**

### **RESUMEN**

El relato aquí descrito emerge del encuentro entre el río, la vida y la docencia construida en territorialidades amazónicas, en la ciudad de Parintins, en el estado de Amazonas. Este texto presenta el proceso de llegada a la Isla de Tupinambarana de una profesora de la Universidad Federal de Amazonas, los encantos y desafíos encontrados, y la comprensión cotidiana de lo que significa estar/habitar el interior de Amazonas. A partir de los encuentros y vivencias junto a los estudiantes indígenas, quilombolas, negros, ribereños, caboclos y sus saberes ancestrales, se desvelan otros modos de tejer/hacer educación. El texto busca entonces reflexionar, a partir de la escritura y la narrativa de sí, cuáles son los sentidos y significados de la vida y la docencia en un territorio del interior, rodeado de aguas dulces, que lleva consigo la magia y el encanto del bosque, de los delfines rosados, de las ancestralidades. Considerando la narrativa y la escritura de sí como herramienta metodológica y epistemológica, tomo la experiencia como punto de partida para la reflexión aquí anunciada. Vivir en el interior, rodeada por las aguas dulces. Ejercer la docencia en un territorio amazónico y así comprender los significados, sentidos y relevancia de las universidades públicas en estos territorios. Y, por último, anunciar los aprendizajes y saberes emergentes de esta tierra, sus dinámicas y matices. Al considerar la investigación narrativa como base teórica, en este artículo comprendemos la experiencia de quien narra, entendiendo que a través de la narrativa es posible asimilar el mundo en su dinamismo y circularidad.

**Palabras clave:** Parintins, Universidad pública, Territorio, Río, Interior

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

As palavras iniciais que emergem neste texto-relato-memória-encontro reverberam movimentações e tessituras das experiências vividas no interior do Amazonas. Com o intuito de compartilhar algumas vivências experienciadas na cidade de Parintins, a terra do Festival Folclórico do Boi Bumbá, além destas experiências, os significados e sentidos de estar vivendo e compartilhando neste território modos de viver, cotidiano, labutas diárias, sonhos e incertezas. Desse modo, o texto se configura em um relato reflexivo e afetivo acerca das aprendizagens e encantamentos, desafios e esperanças de habitar o interior, atuar como professora em uma Universidade Pública neste contexto. E assim, tomada pelas encantarias e saberes da floresta, junto de Márcia Kambeba (2020, p.16), compreendo a escrita como “desenho da memória, do tempo e da história” Assim, por meio dela, “aprendemos, partilhamos saberes, traduzimos sentimentos guardados no coração” (Kambeba, 2020, p. 16).

A Amazônia em sua ampla diversidade nos apresenta possibilidades e caminhos de transformação da vida e das formas como o mundo e as pessoas têm sido pensados, cuidados e construídos. Adentrar este território requer atenção, reconhecimento das ancestralidades presentes neste solo, singeleza de seus encantos, magias e transformações. O movimento sereno das águas doces, o ir e vir do rio deslocando e possibilitando trânsitos. A chegada ao



porto, a rede e seu balanço, a possibilidade de esperar com calma, adentrar os rios e florestas. Ver a gente em movimento. As cores. Diversas cores. Diversos modos de viver. Neste balanço este artigo emerge. Nestas movimentações este texto-memória-vivência está sendo gestado. A Amazônia Indígena. A Amazônia Negra. A Amazônia cabocla. A Amazônia do Bem Viver. A Amazônia profunda. Com este grito e silêncio. Desse modo, a Amazônia “nunca foi como se ouviu, um vazio demográfico: existiam extensas áreas habitadas por povo indígenas, como foi a Ilha de Tupinabarana – onde hoje é a cidade de Parintins, no estado do Amazonas” (Kambena, 2020, p. 16).

As inquietações nascentes neste texto guardam a memória da chegada a este território. Após a aprovação em concurso público, chego a Parintins para atuar como professora na Universidade Federal do Amazonas. Chegamos de barco, no balanço das águas doces, que naquela manhã de março se encontravam agitadas pela chuva torrencial que caía. Dentre os primeiros impactos pelo qual sou tomada se encontra o primeiro dia em sala de aula. Um arrepio no corpo quando pude me encontrar com aqueles jovens estudantes, alguns sendo o momento de chegada à Universidade pública e outros, no processo de retorno, pós-vida acadêmica no período da pandemia. Meu corpo estremeceu. Me reconheci ali naquela sala. Mirar a presença daqueles jovens amazônidos naquela manhã, um dia após a chegada a ilha foi transformador e inquietante.

As vozes tímidas. Os silêncios e tentativas de pronunciar o próprio nome. Os sorrisos disfarçando a vergonha, de repente me conectaram com aquela jovem curiosa que fui há alguns anos quando também adentrei a Universidade. Foi difícil me reconhecer naqueles professores lá de trás. A dinâmica da vida que já assumia, os “corres” e afazeres eram distintos. Ainda assim já eram tempos em que a Universidade começava abrir suas portas, em resposta às lutas dos movimentos sociais, sobretudo movimentos negros, para que estudantes historicamente invisibilizados pudessem estar e ocupar a Universidade pública, como direito à educação. No processo de chegada à Universidade demorei muito a perceber a importância de estar ali. E agora como professora diante dos estudantes deste território amazônido muitos questionamentos me assombravam e ainda assombram. Eu estava no interior! Filha do meio urbano queria entender este território que hoje hábito. Ouvir e ver cada uma daqueles estudantes. Conectei-me com a menina-mulher-negra estudante e com os processos de encontrar minha própria voz neste caminhar.

Durante muitos e muitos anos tenho tentado e aprendido a encontrar minha própria voz. São tantos ruídos e ao mesmo tempo tantos silêncios. Onde se encontram os meus?





Quem são os meus? A experiência do não lugar e, portanto, não pertencimento como experiência do saber a própria história tantas e tantas vezes me corta de tal maneira que sangra. Observo, então o sangue escorrer, tocar a terra, pular a vida gritante, a vida silenciada, a voz buscando eco. A partir destes movimentos, nas buscas desta escuta, junto de Conceição Evaristo reverbera: “a voz de minha bisavó... a voz de minha avó, a voz de minha mãe e a minha voz ainda”. E assim, “na voz de minha filha” todas “as nossas vozes são recolhidas”. e assim, “a voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. O ontem - o hoje - o agora. na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância, o eco da vida- liberdade” (2017, p. 25).

Ensaioando o pronunciamento de minha própria voz encontrei a voz de outras mulheres. A partir destes encontros fui percebendo que os modos de fazer e construir a transformação da realidade deveriam considerar o reconhecimento dessas vozes, palavras e corpos. Em qualquer espaço educativo seria necessário criar e fortalecer espaços e estratégias onde estas vozes, corpos, memórias pudessem ser ouvidos e pronunciamento da palavra habitante em cada ser, o pronunciamento e reconhecimento das marcas da vida e seus cruzamentos. Filha dos movimentos sociais fui aprendendo a importância dos espaços coletivos, das rodas e circularidades. Nilma Lino Gomes (2022) e outras intelectuais negras como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Luiza Bairros, Conceição Evaristo, têm apontado que a coletividade na produção de saberes é movimento crucial. Neste sentido, o movimento negro (Gomes, 2022), assim como outros movimentos sociais educam. E na teia deste encontro: filha das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), dos movimentos de libertação (teologia, filosofia, pedagogia) dos anos 1980/1990 e do movimento de mulheres negras vou compreendendo a urgência em ocupar a Universidade Pública.

Das batalhas que vão sendo travadas, o afeto surge como uma ferramenta de resistência. Foi aquilombando e me conectando com os meus e minhas que pude, somente no Mestrado em Educação compreender que o quilombo como lugar de autoafirmação e fortalecimento racial era muito mais que necessário. Ele demarcava o lugar do afeto, da vida, do reconhecimento de si. A Universidade do Estado da Bahia (UNEB), referência na luta para que estudantes negros, por meio das Cotas, ingressem e permaneçam na Universidade abriu portas e caminhos. A menina-mulher podia ser Doutora. Os encontros debaixo da árvore, de frente ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, os diálogos, perguntas e questionamentos foram primordiais para que internamente pudesse ir se abrindo um portal. E assim, fomos produzindo conhecimento situado a partir de nossas experiências e de nossa negritude (Evaristo, 2005). Os afetos mobilizaram vidas. A Universidade



enegrecendo foi aos poucos transformando vidas e gestando possibilidades. De repente, eu queria ser professora: de Universidade pública. Sim, queria ser professora! Queria ocupar este espaço. Um desejo alimentado e cuidado pela minha orientadora naquele momento, uma amiga hoje, da qual nutro um sentimento de gratidão e alegria.

Assim, este texto vai nascendo e emergindo a partir de vivências que estão sendo construídas cotidianamente aqui neste território. Em primeiro lugar evidencio o rio, como lugar de encontro, calma e movimento, o processo de chegada em Parintins, a aproximação do território, do interior. Em segundo lugar, reflito sobre a relevância da Universidade Pública no interior do Amazonas, principalmente considerando a chegada de estudantes quilombolas, indígenas, ribeirinhas, caboclos, jovens do interior do interior do Amazonas e por fim, compartilho as aprendizagens, sonhos e esperanças destes encontros, o reconhecimento dos saberes ancestrais destes povos.

## **O RIO, SOBRE CHEGADAS, PARTIDAS E ENCONTROS**

Nesta seção, compartilho o processo de chegada a Ilha de Tupinambarana, o período de aproximação do território, a dinâmica dos rios, as formas de organização do espaço amazônico: rio-várzea-floresta, estrada-terra-firme-subsolo. Rosário, Souza e Rocha (2021), afirmam que a Amazônia brasileira tem sido palco de processos de devastamentos impostos pelos modelos de desenvolvimento orientados para atender as demandas externas. Neste sentido, um primeiro ponto é compreender que a chegada a este território implica em entender as dinâmicas próprias destes territórios, as imagens e preconceções construídas sobre este território quando estamos em outras localidades e vislumbrar as formas de exploração e violações historicamente legitimados pelos poderes econômicos, culturais, sociais e políticos sobre esta região do Brasil.

A cidade de Parintins se destaca entre as cidades do interior do Amazonas devido a sua trajetória de consolidação nas últimas décadas, como território universitário. Atualmente a cidade conta com o Instituto Federal do Amazonas, a Universidade do estado do Amazonas e a Universidade Federal do Amazonas, além de outras faculdades particulares. Muitos estudantes vêm de cidades vizinhas como Nhamundá, Barreirinha, Uruará e outras cidades para estudar em Parintins, seja para concluir o Ensino Médio, seja para cursar a Universidade. Estes estudantes chegam à Universidade e contam com a possibilidade de morar na Residência Universitária e/ou contar com o apoio e suporte de familiares e amigos para





permanecer na cidade. Um movimento semelhante acontece com professores que vem de outras regiões para trabalhar nesta cidade.

Após longos dias de viagem, saindo de Salvador, no estado Bahia e atravessando outros estados do Nordeste brasileiro chegamos a Região Norte. Em Santarém pegamos um barco rumo à Parintins. Muitas descobertas, surpresas e arrepios. Aprender a confiar, atar a rede, organizar pertences e sentir o movimento do rio. Observo os movimentos das pessoas e começo a me aproximar deste novo universo. De Santarém à Parintins a viagem é bem tranquila, em média com duração de 12 a 14 horas. Ao longo do percurso a passagem do tempo com conversas demoradas, novas amizades construídas, observação do rio e seus encantos, descanso na rede, balanço, calor, frio, refeições compartilhadas, leituras e brincadeiras. Em meio às novidades aos poucos entrego ao balançar da rede e perdendo o medo do incerto e naquele momento o incerto tinha nome: viver no interior. A menina-mulher de cidade grande se perguntava como seria essa experiência. Naquela manhã de março, chovia assustadoramente.

Em terras parintinenses, aos poucos, a adaptação foi acontecendo. Primeiro às chuvas do início do ano, depois o calor escaldante do restante do ano. Tudo é tão próximo. As pessoas se encontram sempre. Seja na padaria ou no mercado, na escola ou na farmácia, você sempre encontra alguém conhecido. E o fato de ser professora em uma Universidade torna tudo um pouco mais evidente. Foi estranho perceber-me observada. Mas foi também maravilhoso perceber-me cuidada, amparada. Quantas vezes recebi na porta de minha casa tapioquinha, tucumã, pé de moleque amazônico, farinha, como sinal de que somos importantes e nossa presença importa. Meus filhos logo fizeram amizades e começaram a aproveitar a alegria de poder brincar livremente, sem grandes preocupações. Sem o trânsito das grandes cidades, mas um pequeno caos entre bicicletas, motos, motocicletas e *tuc tuc*. A vida começou a ganhar sentido e encanto. E quando a tristeza e a saudade apertam é para a beira do rio que vamos. Olhar sua magnitude e calma aquieta, mas também encoraja. A vida no interior. A vida no interior amazônico. Uma vida cercada pelas águas doces e profundas do Rio Amazonas. E assim, para além da festa do Boi Bumbá vamos aprendendo a viver neste interior, em meio às águas e florestas, aprendendo com os saberes ancestrais tecidos aqui. Os saberes dos povos indígenas, negros, afro-indígenas, ribeirinhas e caboclos.

A partir das memórias dos saberes ancestrais apresentados por Márcia Kambéba (2020), as vozes que emergem nestes territórios e o modo como suas escritas e compartilhamentos permitem compreender o que significa nascer e viver neste contexto.



Assim, Kambenba (2020, p. 17) afirma: “Nascer e viver em aldeia me fez entender que a resistência precisa começar dentro de cada um de nós, buscando manter vivas as memórias coletivas e pessoais de saberes que nos orientam na caminhada e no compromisso de lutar, junto da coletividade por direitos e formas de seguirmos sendo continuidade”. Neste contexto, a aldeia é a escola, “laboratório a céu aberto”, onde a comunidade indígena tece seus compartilhamentos e aprendizagens. Neste contexto, o entendimento do tempo e de sua relação com a vida é atravessado por perspectivas outras. Recordo com gratidão que neste processo de chegada à ilha fui aos poucos aprendendo (e sigo neste movimento) a compreender a relação com o tempo expressa através dos estudantes. Assim,

O tempo de aprender indígena ensinado pelos mais velhos não é o do relógio, que marca a educação vinda da cidade, com hora pra começar e hora pra terminar, conteúdos específicos para cada série. O tempo da aldeia obedece às rodas de cantoria, de narrativas, da lua cheia, do maracá. Falo do tempo circular que fortalece a união porque cria campos energéticos de luz. Esse saber se traduz na psicologia e na pedagogia da aldeia (Kambeba, 2020, p. 27).

Viver na Amazônia implica em compreender os ciclos das águas (enchente-vazante-enchente). Entender que a dinâmica das águas afeta o território. Os processos de formação, neste contexto, “precisam dialogar com a sociobiodiversidade” (Vasconcelos e Albarado, 2020, p. 14). O rio, em particular para quem habita a Ilha, ou vem das cidades ao redor desvela os modos de viver destes sujeitos. Os estudantes que chegam à Universidade e ao longo do tempo revelam “saudades do meu interior” nos contam sobre como o rio em suas vidas é fundante na construção de suas identidades e compreensão do mundo. Na perspectiva de Ailton Krenak (2022, p.11), “os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos em diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui” Sempre que vivida pede pausa, nos colocamos diante do rio. Os melhores cafés da ilha são saboreados acompanhados de tapioca com tucumã, farofa, fritinhos, boas conversas diante do rio. Enquanto visualizamos as lanchas, rabetas, barcos que vem e vão, as chegadas, partidas e encontros, o rio ancora a vida, os sonhos e as identidades Amazônidas.

## **A UNIVERSIDADE PÚBLICA NO INTERIOR DO AMAZONAS: DESAFIOS E SIGNIFICADOS**





O encontro com estudantes e vozes juvenis vindos do interior do Amazonas em busca de melhores condições de vida por meio do acesso e permanência no Ensino Superior, os desafios e desencontros entre as vidas afroamazônidas e a universidade tem impulsionado perguntas e questões. Muitos destes estudantes negros, indígenas, afroindígenas ao acessar a universidade e ter contato com estes saberes hegemônicos tem vivenciados desconcertos no que tange a valorização de sua cultura e dos saberes ancestrais que trazem a partir de suas histórias de vida e de seus ancestrais. Historicamente, o acesso à universidade tem privilegiado aqueles que tem poder aquisitivo e são reconhecidos socialmente (Moassab, 2008), e somente a partir dos anos 2000 com o processo de expansão do ensino superior tem se configurado um avanço social com a ampliação do acesso e permanência de estudantes vindos de grupos historicamente discriminados. Tal processo reflete a articulação dos movimentos sociais, sobretudo, do movimento negro.

Em se tratando da implementação da universidade pública, no Baixo Amazonas e da presença afro-amazônida considero o pertencimento a estes territórios, o reconhecimento de sua cultura como ferramenta fundante para que a permanência no ensino superior seja possível. A subjetividade destes jovens, tecida a partir de práticas educativas e culturais ao longo de suas vidas e trajetórias são possibilidades inventivas de permanência e transformação. De acordo com bell hooks (2022, p.22), o pertencimento revela a possibilidade de se “viver onde se possa caminhar” e assim “ao caminhar” cada sujeito pode demarcar sua presença, como “alguém que reivindica a terra, criando a sensação de pertencimento, uma cultura do lugar” (hooks, 2022, p.22).

A universidade com seus saberes epistêmicos centrados em teorias eurocêtricas reflete a invisibilidade de saberes tradicionais e ancestrais. Historicamente, a universidade, no Brasil, “tem sido uma das vias de acesso e manutenção do poder das elites” (Rosemberg, 2010, p.10). Desse modo, tecer e construir outras epistemes que considerem os lugares e saberes destes sujeitos implica em valorizar seus lugares e pertencimento, suas vozes e as implicações que estas presenças afroamazônidas têm impactado no cotidiano da universidade.

Catherine Walsh (2019) aponta que é necessária uma reflexão “outra” de modo que não se tenha a instituição acadêmica ou os grandes centros geopolíticos de produção de conhecimento (o norte global) como ponto de partida, mas que sejam construídas de forma coletiva os saberes- práticas e teorias. A autora aponta o conceito de interculturalidade,



emergente do contexto da América Latina, no Equador, como aquele que assume significado relacionado a “geopolíticas de espaço e lugar, desde a histórica e atual resistências dos indígenas e dos negros, até suas construções de um projeto social, cultural, político, ético e epistêmico.” (Walsh, 2019, p. 09).

A partir de leituras e aproximações das obras de Paulo Freire e das experiências vivenciadas junto aos movimentos sociais, sobretudo, os movimentos de mulheres negras, aprendi a importância das circularidades, da construção de espaços dialógicos, de encontro e reconhecimento de si e emancipação. Nas obras de bell hooks (2019, 2022), Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Nêgo Bispo e Conceição Evaristo vislumbro a força e o eco das vozes que sussurram, das vozes inquietas e cambiantes que rompem com os silenciamentos historicamente contruídos em relação aos sujeitos subalternizados. Em se tratando do contexto amazônico, é preciso compreender a dinâmica do processo educativo neste cenário: os interesses políticos e econômicos, a formação da população e sua biodiversidade. Segundo, Sousa, Simas e Silva (2024), uma questão que deve ser observada neste contexto refere-se à discussão acerca das identidades amazônicas, pois estas se encontram diante do “paradoxo entre o aspecto transitório das identidades na pós-modernidade e a globalização”, ou seja, de que forma estas identidades têm garantido o acesso à direitos universais.

Chegando neste território com o objetivo de atuar como professora na Universidade Federal do Amazonas e sou tomada por um profundo reconhecimento de si. A andarilhagem já fazia parte de minha trajetória de vida. A Universidade não era uma possibilidade, mas tornou-se a partir do momento em que historicamente os movimentos sociais, principalmente o movimento negro reivindica o direito à educação em geral e à educação superior como possível aos sujeitos historicamente subalternizados. Quando de repente (mas não de repente) estando sala de aula contemplo os rostos daqueles estudantes, estremeço. Algo estranho e nunca sentido. Rapidamente transporto-me ao meu primeiro dia de aula no curso de psicologia na Unviersidade Federal da Bahia. Havia jovens negros naquela sala. Sim, havia. Mas eram poucos e me sentia muita constrangida, deslocada mesmo. De tal forma, que a libertação somente tomou forma quando ingresso no Mestrado na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Foram anos tentando compreender tais processos. E ainda tem sido desafiante perceber que mesmo como professora, nossos corpos





de pesquisadoras e mulheres negras na academia são invisibilizados e negados. Naquela manhã, no entanto, arrepiada fiquei ao perceber naqueles rostos a imagem refletida. Do espanto ao encanto. Tomada pela surpresa e pelo sopro de possibilidades. Renasci, naquele momento, em solo amazônico, no interior.

Neste cenário amazônico, a universidade pública no interiorreflete e consolida o processo de luta histórico de interiorização das universidades públicas e o acesso de populações historicamente invisibilizadas e subalternizadas, excluídas do direito à educação superior. Desde o início dos anos 2000, o processo de expansão do Ensino Superior, foi marcado por muitos avanços, sobretudo no âmbito social, seja pela ampliação do acesso de estudantes, historicamente, discriminados e excluídos da educação superior, seja pela construção de programas e políticas que viabilizassem este acesso e permanência.

Segundo Souza e Santos (2015), devido às novas ações de abertura do ensino superior no Brasil e o processo de adoção de políticas afirmativas para o ingresso no ensino superior, o perfil dos estudantes que acessam a universidade pública modificou-se. Os principais marcos legais que ancoram o embasamento para discutir Assistência Estudantil no Brasil, são: a Constituição Federal de 1988, o Plano Nacional de Educação (PNE), o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES, 2010), o Programa de Plano de Apoio a Planos de reestruturação e expansão das Universidades Federais (REUNI, 2007), a Lei de Cotas (2012), mostrando que a Assistência Estudantil resulta de um longo processo de lutas sociais e educacionais desencadeados sobretudo pelos movimentos sociais e movimento negro (Gomes, 2017).

Desse modo, desde 2003, estes movimentos inauguram um novo tempo no que tange ao ensino superior, sobretudo, ao considerar o processo de expansão, interiorização, implementação de programas e políticas que visam contribuir com o acesso e permanência de estudantes oriundos de famílias sem tradição universitária, ou seja, pessoas de origem popular, tais como: pessoas negras, indígenas, quilombolas, ribeirinhas. Segundo Carneiro e Sampaio (2021, p. 52), “os jovens de origem popular que ocuparam a universidade, a partir dos anos 2000, constituem, em sua maioria, a primeira geração de universitários em suas famílias”. No Baixo Amazonas, mais precisamente em Parintins, o Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia marca o processo de interiorização da Universidade pública desde o início dos anos 2000, sendo que em 2007 tem-se a fundação do Instituto, que



atualmente conta com 07 cursos, formando, portanto, nos últimos 18 anos muitos profissionais, bacharéis e licenciados na região. Diante do exposto, o desenvolvimento de pesquisas e estudos que versam sobre Assistência Estudantil no âmbito do Ensino Superior estimula reflexões sobre como ocorrem o processo de ingresso e permanência de estudantes advindos de classes populares na universidade.

## **APRENDIZAGENS E DESCOBERTAS: AS VOZES ANCESTRAIS E ENCANTARIAS DE PARINTINS**

Imersa neste território cercado pelas águas doces, sendo atravessadas pelas narrativas e trajetórias de vida de estudantes no interior do interior do Amazonas, as aprendizagens neste processo de compartilhamentos de saberes começam a tomar conta da professora em construção. Considero neste percurso a relevância e importância de perspectivas teóricas decoloniais, (auto)biográficas e emancipadoras, pois permitem que as vozes sejam anunciadas e visibilizadas. As narrativas, por exemplo, são tomadas como metodologias de investigação e práticas formativas, de como que à medida que os sujeitos narram e contam suas histórias e trajetórias fortalecem o sentido de pertencimento aos territórios, reconhecimento e afirmação de suas vozes e agenciamento/protagonismo de processos educativos libertadores. Assim, começo a compreender a partir de minha própria experiência que a voz, ou melhor, o movimento de erguer a voz é ponto de partida. E assim, vou tecendo, como professora e educadora de uma Universidade Pública do interior, a importância de criar espaços/ rodas onde estes estudantes possam compartilhar suas trajetórias de vida.

Em sala de aula aposto em uma metodologia participativa por meio do diálogo conexões com estudantes. Neste movimento, encontro eco em perspectivas epistemológicas e metodológicas pautadas na oportunidade de visibilizar as narrativas e vivências dos estudantes. E assim como ávida leitora de bell hooks aprendi a importância de, como professora, também narrar minha trajetória de vida, aprendizados, saberes e vivências. Em sua obra *Pertencimento: uma cultura do lugar*, bell hooks (2022), aponta quatro aspectos fundamentais na reflexão tecida neste texto. O primeiro refere-se ao fato de que possamos: *Viver onde se possa caminhar*, ou seja, nosso caminhar no mundo demarca nossa presença como pessoas que reivindicam a terra, em processo de construção do que ela denomina de pertencimento a um lugar. O segundo aspecto refere-se ao processo de escrita de si, escrever sobre o passado, narrar histórias e memórias, assim, “escrever sobre o passado faz com que





corramos o risco de evocar uma nostalgia que se limita a olhar para trás com saudade e idealização” (hooks, 2022, p. 25). O terceiro aspecto nos ensina que memórias, rituais de afeto e lembranças nos permitem mapear territórios, a descoberta de si e a reafirmação de que somos andarilhos à procura de um lar. O pertencimento a um território, a uma cultura, ao interior é construído a partir da ancestralidade e das relações afetivas e cotidianas. É compartilhando o peixe com farinha ao redor da mesa que as histórias são contadas e lembradas, em meio as estórias de visagens e outros contos. Por fim, o quarto aspecto apontando por hooks (2022), remete à diferença e diversidade, à importância de enxergar o valor da vida além do capital. Neste ponto, a autora nos convida a “descolonizar nossa mente da cultura ocidental para pensar de forma diferente sobre a natureza e sobre a destruição causada pelo ser humano” (hooks, 2022, p. 65).

O convite à conexão com a terra e ao processo de autorregeneração coletiva proposto por bell hooks (2022), conecta com os movimentos de transformação que vivencio todos os dias habitando esta Ilha, no interior do Amazonas. Por isso, a escolha pelas escritas das trajetórias de vida e estudantis, como exercício emancipador de si, movimento de autoria tão necessário à pessoas negras, indígenas e povos historicamente subalternizados têm permitido um movimento de conhecimento e reconhecimento das histórias e memórias destes lugares e do reconhecimento das histórias e memórias de si, de nossa ancestralidade. Desse modo, algumas descobertas e anúncios têm provocado arrepios e reverberações intensas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

À título de finalizar, algumas dessas reverberações. Primeiro se refere ao processo de **habitar o interior** do Amazonas. Uma mulher vinda da cidade aprendeu neste território que habitar o interior significa ver e sentir o pulsar da vida cotidiana a partir do reconhecimento diário. Ser reconhecida e reconhecer as pessoas nas ruas, espaços e mercados. Sentir os cheiros, sabores, calor e movimentos da vida nesta ilha significa compreender o que seja pertencimento. As bancas do tacacá. O encontro das pessoas para tomar café. As festas e seus pratos sortidos. A vida nas toadas e a festa do Boi Bumbá, mas também as crianças brincando nas praças. As banquinhas nas portas de casas, as redes espalhadas e cadeiras de balanço que permitem conversas necessárias, O tempo em outra lógica. O tempo espaçado. E na mesma medida o tempo fervilhante de motos e bicicletas indo e vindo, apressadas.



O segundo aspecto refere-se ao respeito e reconhecimento da ancestralidade, a valorização dos mais velhos. Chamou minha atenção que o fato de ser professora e neste lugar representar a ideia de alguém “de respeito”, uma mais velha, significa ser reconhecida. Observo todos os dias as crianças sendo abençoadas nas portas das escolas. Observo o orgulho que meus alunos e alunas têm quando me apresentam aos seus familiares ou evocam meu nome em qualquer: professoooooora. Sim, meu nome é professora. Em qualquer espaço. E é pronunciado com profundo respeito e reconhecimento.

O terceiro aspecto expressa o lugar dos afetos. E aqui enfatizo que no processo de escritas de si, diversas vozes são pronunciadas. Trata-se de um processo de rasgar-se e deixar ecoar as diversidades de vozes, vivências, narrativas e experiências. O processo de escrita é atravessado pelo afeto. E afeto, nesta perspectiva é revolucionário. Tornando-me professora neste chão reconheço que o afeto é ferramenta de contra colonização, transformação e fortalecimento das identidades. O afeto cura. O afeto movimenta. O afeto transborda. O afeto conecta as pessoas, seus sonhos, forças, desejos e projetos de vida. O afeto entrelaça coletividades. E assim, como aprendi com bell hooks (2021), o amor torna-se uma força capaz de transformar as diversas esferas da vida: política, religião, trabalho, cultura, relacionamentos. Assim, deve-se “começar a pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assuma a responsabilidade de comprometimento” (hooks, 2021, p. 55).

Por fim, o quarto aspecto surge a partir das experiências de compartilhar por meio das rodas e circularidades saberes emergentes das vidas e narrativas destes povos. A utilização de rodas interativas como proposta epistemológica e metodológica no ensino, na pesquisa e na extensão tem apontado aquilo que hooks (2021), tem nomeado como processo de autorrecuperação. As experiências das rodas, permitem que os sujeitos que dela participam, na medida em que falam de si e dizem sua palavra (Freire, 2021), escutem as experiências dos outros e assim na circularidade fortaleçam a si, como sujeitos únicos e singulares e ao mesmo tempo fortaleçam os sonhos e utopias coletivas. E neste movimento as coletividades reivindicam a Amazônia. Os Puxiruns revelam que os saberes e a transformação do mundo e da vida se faz por meio da coletividade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Mariléa de. **Devir quilombola: antirracismo, afeto e política nas práticas de mulheres quilombolas**. São Paulo: Editora Elefante, 2022. 392 p. Prefácio de Margareth Rago.





ALVES-MELO, Patrícia. **O fim do silêncio: presença negra na Amazônia.** 2ª ed. Curitiba: Editora CRV, 2021.

CATANI, Denise Barbara. Lembrar, narrar, escrever: memória e autobiografia em história da educação em processo de formação. *In:* BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (Org.). **Formação de Educadores: Desafios e perspectivas.** São Paulo, Editora UNESP, 2003, p. 119-130.

COLLINS, Patrícia Hill. **Bem mais que ideias - a interseccionalidade como teoria social crítica.** São Paulo: Boitempo. 2022, 424 p.

DAVID, Emiliano de Camargo. **Saúde Mental e Relações Raciais: Desnorreamento, Aquilombação e Antimanicolonialidade.** 1ª edição, Editora Perspectiva, 2024. 280 p. ISBN: 978-6555051957.

DELORY-MOMBERGER, Christone. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 133–147, 2016. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1. n1.p133-147. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526>. Acesso em: 29 jul. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Becos de Memória.** Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, ano 1, n.1, p. 52-57, ago.2005. Disponível em: <https://share.google/t4TmekdNN7p6EQ9cy>. Acesso em: 29 jul. 2025.

FONSECA, Lucas Milhomens. Ciberativismo na Amazônia: os desafios da militância digital na floresta. *In:* **Cultura, política e ativismo nas redes digitais** / Sérgio Amadeu da Silveira, Sérgio Braga, Cláudio Penteadó (organizadores). – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GOMES, Helana Miranda da Cruz; BRASILEIRO, Tânia Suely Azevedo; GOMES, Luís Alípio. Assistência estudantil e educação superior: avanços e desafios em uma universidade pública na Amazônia. **Revista Exitus**, Santarém, v. 13, n. 1, e023023, mar. 2023. DOI: 10.24065/2237-9460.2023v13n1ID2226. Disponível em: <https://share.google/DwIVqcO8LkP9mW2Mz>. Acesso em: 29 jul. 2025.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino; ABRAMOWICZ, Anete (Orgs.). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo brasileiro**, Rio de Janeiro, n.92/93, p. 69-82, jan/jun, 1988.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Organização: Flávia Rios





e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida e Maria do Carmo Lanna. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pesnar como feminista, pensar como negra. Saõ Paulo: Elefante, 2019.

Hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **Pertencimento**: uma cultura do lugar. São Paulo: Eçefante, 2022.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2002.

KAMBEBBA, Márcia. **O lugar do saber**. Série Saberes tradicionais. Vol. 1, Casa Leiria: São Leopoldo/RS, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. 1ª edi. São PAULO: Companhia das letras, 2022.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Psicologia da libertação**. Tradução de Luiz Paulo Guanabara e Ana Maria G. L. Costa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MAYORGA, Claudia; COSTA, Fabíola Cristina Santos; CARDOSO, Tatiana Lúcia. Introdução – Universidade Pública no Brasil: entre pivilégios e direitos. In: MAYORGA, Claudia (Org.). **Universidade cindida, Universidade em conexão**: ensaios sobre democratização da universidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MESSIAS, Claudio. **A epistemologia da educomunicação em aferição**: por uma contextualização do habitus no paradigma educ comunicativo. São Paulo, 2017.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Lateras da UFF – Dossiê: Litertaura, língua e identidade**, v. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: [https://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](https://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf). Acesso em: 29 jul. 2025.

MOASSAB, Andréia. A prática da ecologia dos sabres: reflexões sobre a hipermídia educativa a invenção do outro na mídia semanal. **E-cadernos**, v.2,2008. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/eces.1367>. Acesso em: 29 jul. 2025.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino (co-autora). **O negro no Brasil de hoje**. 2. ed. São Paulo: Global; Ação Educativa, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento**: uma história feita por mãos negras. Organização de Alex Ratts. São Paulo: Instituto Kuanza; Rio de Janeiro: Fundação Rosa





Luxemburgo, 2022a.

NASCIMENTO, Beatriz. **O negro visto por ele mesmo**. Organizado por Alex Ratts. São Paulo: Ubu Editora, 2022b.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo a América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciencias sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SILVA JÚNIOR, Juarez Clementino da. Presença negra no Estado do Amazonas: a contribuição dos arquivos do TJAM. **LexCult**: revista eletrônica de direito e humanidades, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 409–427, set. 2020. ISSN 2594-8261. DOI: 10.30749/2594-8261.v4n2p409-427. Disponível em: <https://lexcultccjf.trf2.jus.br/index.php/LexCult/article/view/400>. Acesso em: 28 jul. 2025.

SILVA, Cidinha da. **Tecnologias Ancestrais de produção de infintos**. Goiânia: GO, Martelo, 2022.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; MORAIS, Danilo de Souza (Orgs.). **Ações afirmativas: perspectivas de pesquisas de estudantes da reserva de vagas**. 1. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2015. 273 p. ISBN 978-85-7600-415-8.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOUSA, Arycia Giseli; SIMAS, Hellen Cristina Picanço; SILVA, Fbrício Valentim. **Cultura e identidade: contribuições antropológicas na literatura científica frente aos desafios do contexto amazônico**. Cadernos de Educação, 2024.

SOUZA, Juliana Salles. **Educomunicação popular e periférica e o reconhecimento das periferias**. Extraprensa, São Paulo, v.16, n.esp, p. 54-70, jul/dez.2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/extraprensa/article/view/220378>. Acesso em: 29 jul. 2025.

SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimnto de si: narrativas do itininerário escolar e formação de professores**. Unviersidade Federal da Bahia, Terra, 2004.

SOUZA, Greysy Kelly Araújo de; SANTOS, Dyane Brito Reis. Os “novos” universitários e os (des)caminhos para a afiliação estudantil e a permanência. **Olhares Sociais**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 68–85, 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/842115927/Artigo-V-seminario-PPGCS-SOUZA-E-SANTOS>. Acesso em: 17 nov. 2025.

SUZUKI, Clarissa Lopes. **Outras memórias, outras histórias: contra colonialidade e o saber como construção coletiva e emancipatória na educação antirracista das atres**. Tese (Doutorado em Artes). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2022.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder: um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. **Rev. Eletrônica da Faculdade de**



**Direito da Universidade Federal de Pelotas**, v.05, n.1, jan.jul/ 2019, p. 06-39. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/rfdp.v5i1.15002>. Acesso em: 29 jul. 2025.





<b>Informações do Artigo</b>	<b>Article Information</b>
<b>Recebido em:</b> 28/09/2025	<b>Received on:</b> 28/09/2025
<b>Aceito em:</b> 17/11/2025	<b>Accepted in:</b> 17/11/2025
<b>Publicado em:</b> 04/02/2026	<b>Published on:</b> 04/02/2026
<b>Conflitos de Interesse</b> A autora declarou não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	<b>Interest conflicts</b> The authors declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
<b>Como Citar este artigo - ABNT</b> DA SILVA, Fernanda Priscila Alves. O rio, a vida e os encantamentos da ilha: vivências e descobertas como professora em Universidade Pública no interior do Amazonas. <b>Revista Macambira</b> , Serrinha (BA), Revista Macambira, v. 10 n. 2 (2026), e102016. DOI: <a href="https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1820">https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1820</a>	<b>How to cite this article - ABNT</b> DA SILVA, Fernanda Priscila Alves. The river, life, and the enchantments of the island: experiences and discoveries as a professor at a public university in the interior of the Amazon. <b>Revista Macambira</b> , Serrinha (BA), v. 10 n. 2 (2026), e102016. DOI: <a href="https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1820">https://doi.org/10.35642/rm.v10i2.1820</a>
<b>Licença de Uso</b> A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	<b>Use license</b> The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any medium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.